

# O que se cala: reflexões dos interditos nas pesquisas sobre estupro

MAYNARA COSTA DE OLIVEIRA SILVA 

Universidade Federal do Maranhão | São Luís, MA, Brasil

maynaracos@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe210298

**resumo** Quando se investiga um objeto de pesquisa parecido conosco, e principalmente, interage como nosso eu, o ato de pesquisar se torna um exercício de difícil manejo, pois quando no encontro com o outro você pensa estar se encontrando. Esta reflexão analisa, a partir de uma autoetnografia, os deslocamentos permanentes dentro da pesquisa de campo sobre estupro, e como eles interagem com nossa própria identidade, e a redefine.

**palavras-chave** Violência sexual; alteridade; afetação; etnografia.

**WHAT IS UNSPOKEN: reflections on prohibitions in research on rape**

**abstract** When investigating a research object similar to us, and especially, interacting with our I, the act of research becomes a difficult exercise to handle, because when you meet the other you think you are meeting. This reflection analyzes, from an autoethnography, the permanent displacements within the field research on rape, and how they interact with our own identity, and to redefine it.

**keywords** Sexual violence; alterity; affectation; ethnography.

Eu me imagino como uma das representantes do nós [pesquisadoras]. Como a outra. Como você. Deixada em uma sala no final de um dos corredores da Delegacia Especial da Mulher. Com dois metros e meio, mais ou menos. Paredes brancas que não assentam nenhuma janela, apenas uma única porta na cor lilás, e um ar-condicionado cravado e travado no grau 17. Você anda da porta até a mesa e se instala. Senta-se na cadeira, e imediatamente liga seu computador, abre seu diário de campo, e busca entender esse novo espaço que desembarcou.

O silêncio nessa sala ecoa. O breu acha passagem, que já nem ouve mais o bip do teu computador. Você respira, e sua respiração é o único som que, mecanicamente, consegue escutar. O certo é que você não achava que encontraria a solidão em uma delegacia, na qual circulam pessoas vinte e quatro horas por dia. Olha para o lado, em qualquer um deles, só se vê narrativas, sua companhia são 174 pastas que arquivam vidas, que supostamente acredita [desejas!] serem todas desconhecidas.

Mas de folha em folha, pasta em pasta, você não se vê mais tão sozinha, na verdade, também já não se sente tanto nessa sala. És transportada para uma rua erma, para um parque, para uma reserva ecológica, para uma parada de ônibus, para um hospital, para uma escola, para um apartamento, para uma casa, para um quarto... Como diria Maria Bethânia “voe entre as estrelas, brinco de ser uma”. Em cada um desses locais, você é uma mulher, às vezes jovem, noutras idosa, em algumas, com a pele branca, na maioria parda ou



e210298

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe210298>

preta. Sempre quando flutuas és vítima. Vivendo um terror, que constitui um crime de violência sexual contra [sempre] uma mulher.

Cada pasta carrega bagagens de uma vida. Algumas vidas [vitimadas] carregam em seus corpos símbolos indesejáveis pelo Estado: são mulheres, negras, lésbicas, nordestinas, mães solas, periféricas, desempregadas, com o ensino médio incompleto. Os agressores, em contrapartida, carregam símbolos desejosos: são homens, brancos, heterossexuais, trabalhadores, casados, cristãos – em sua maioria.

Nos papéis estão transportados fatos, fotos, endereços, vestígios, cheiros, rostos, imagens, a construção de uma cena, na mesma cidade que a sua, no mesmo bairro que o seu, nos lugares onde você frequenta e trabalha, a maioria são com pessoas desconhecidas a você, em outras nem tanto. Às vezes, ao passar uma página, você encontra um rosto, estampando uma foto três por quatro, em preto e branco, fotocopiada de uma habilitação de motorista, logo você percebe que a violência te aproxima de outras mulheres, pelo teu gênero, pelas histórias, e pelos culpados.

Você para. Fixa o olhar naquela imagem. Olha de perto, para não ter dúvidas, verifica o nome da pessoa, examina mais uma vez, e confirma: É ele! Fica sem ação. Encontra-se em total estado de raiva física. Seu corpo somatiza todas as reações de desconforto possíveis. Sozinha naquela sala, se vê paralisada, gelada, começa a tremer, não pelo frio habitual dos 17 graus incontroláveis. Sua respiração fica ofegante, e você começa a fazer um exercício mental para tentar se conter: 1, 2, 3, 4, respira. Mas seus batimentos cardíacos são mais fortes que você, enquanto pedes calma seu coração acelera. E acelera, até colidir na certeza de que a violência não é só cotidiana, ela é próxima, e ele é próximo. E a cada tentativa de dominar o choro, ao fechar os olhos, você lembra novamente que aquela foto é a representação estática de um professor conhecido seu.

Não só conhecido por você, mas também pela sociedade, pela igreja, pela faculdade, pelo curso que está inserido, pela profissão, pelos predicados nominiais, dentro da família e fora dela: bom pai, bom marido, bom evangélico e bom profissional. Neste momento, em que você lhe estratifica, a ficha cai novamente, porque lembrastes que conhece a família dele. És professora da esposa. Aquela moça de vinte e poucos anos, descrita no inquérito, é a mesma que vai para suas aulas com uma aparência cansada, repleta de livros e com a filha de uns cinco anos do lado. Neste momento, você começa a cair em si e questionar-se, enquanto professora, pesquisadora, feminista... Mulher. E se pergunta: como eu nunca percebi que ela sofria violência? Mas, imediatamente refaz essa interlocução: Como eu nunca percebi que ele era violentador?

Você afasta os inquéritos e o computador de perto do seu corpo. Procura fôlego para continuar, e só encontra mordação. Vira a cadeira, fica de frente ao ar-condicionado, apertando os braços envolto ao corpo, como se o seu abraço fosse o único refúgio naquela delegacia. O fôlego e a força não são para conseguir folhear as pastas. Mas sim para continuar a viver como antropóloga em um mundo repleto de violência, em que carregar a bagagem do outro não é prioridade, não é bonito, pelo contrário, é radical.

É radical, porque pesquisar violência contra mulher, sendo mulher, é bélico. Isso, porque os “estupradores enterram minas terrestres nos corpos de suas vítimas” (WINKLER, 1991), e nesse campo de pesquisa minado, cotidianamente há explosões e

confrontos entre os sentimentos de angústia, náusea, desespero, medo, luto, pânico e fúria a cada página virada, ou rosto revelado, ou maneira inovadora de aniquilar o corpo de uma mulher. É preciso resistência para permanecer no campo, e ir além, questiona-se a todo momento sobre seu significado dentro dele, como lembra Schwade (1992).

A fúria que você sente se assemelha – com devido cuidado e distância - aquela sentida pela Jean Langdon (1993) que foi vítima de estupro ainda adolescente, isto quer dizer, não é o fato em si que te incomoda, de um homem ter estuprado uma mulher, afinal, como a própria autora diz “é um acontecimento extremamente comum”, e você sabe, está ali com 174 destes acontecimentos. A raiva se concentra no fato de não poder contar sobre o estupro, é o silêncio que te perturba. Pois, o homem “adulto” não pode ter sua intimidade exposta na rede social, no trabalho, na igreja, pois isto pode prejudicar sua posição dentro da sociedade; enquanto você, pesquisadora, padecerá na solidão do segredo não-dito, do estupro não exposto, do culpado socialmente inocentado, guardado no armário a sete-chaves, assim como as pastas desses inquéritos que assentam essa história de terror arquivada com uso eficiente do manejo da justiça.

Você, portanto, nessa sala, não é mais só a antropóloga, que se distancia para compreender o familiar, ou o exótico, já diria DaMatta, que está lá objetivamente para: ver, ouvir e escrever, como propusera Cardoso de Oliveira (1998). Aqui você é mulher, filha, neta, tia, feminista, professora, esposa, tantos adjetivos, mas todos no feminino. É aquela que sabe que está na frente e no front, que nasceu com o alvo nas costas, cujas estatísticas são retroalimentadas, e que esta pasta deflagrou, pela repugnância e o desprezo que revelou sobre os corpos femininos. É a que comunga da dor alheia para compreender o quadro relacional da violência sexual. E sentada nessa cadeira, agarrada aos teus braços que você lembra que esse teu corpo pode se tornar mais uma história estática nessas páginas policiais.

Quando se investiga um objeto de pesquisa parecido conosco, e principalmente, interage como nosso eu, o ato de pesquisar se torna um exercício de difícil manejo, pois no encontro com o outro você pensa estar se encontrando. São deslocamentos permanentes dentro da pesquisa de campo, que interagem com nossa própria identidade, e a redefine, pois não tem como permanecer como uma “cientista neutra e assexuada” (GROSSI, 1992) quando se colide cotidianamente com o reflexo do teu gênero.

Agora, depois de folhear tantas vidas, você é um “ser afetada”. Tal qual Jeanne Favret-Saada (2005) que se deixou afetar pela feitiçaria, você se deixou pelas vidas alheias, e por isto buscou adotar um dispositivo metodológico que não era só observação participante, nem tão pouco só empatia. Não se trata aqui, de “aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que assumir o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer” (FAVRETE-SAADA, 2005, p.160). E essa desfeitura pode acontecer diariamente. É como se cada página amplificasse a máxima feminista dita por Audre Lorde em “Irmã Outsider” (2020) que o pessoal é político, e que mais que isso, que a forma de resistir na pesquisa e de manipular objeto pesquisado também é político.

## Referências bibliográficas

- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. “Ser Afetado”. *Cadernos de Campo*, ano 14, n. 13. Trad. Paula Siqueira. São Paulo: USP. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263> Acesso em 10/11/2020.
- GROSSI, MIRIAM PILLAR. 1992. Na busca do outro encontra-se a si mesmo. IN: Trabalho de campo e subjetividade. ORG: GROSSI, MIRIAM PILLAR. PPGAS/UFSC.
- LANGDON, E.J. 1993. O dito e o não-dito: reflexão sobre narrativas que famílias de classe média não contam. *Revista Estudos Feministas* v.7, n.1/2.
- LORDE, Audre. 2020. *Irmã Outsider: Ensaios e Conferências*. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. 1988. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq.
- SCHWADE, Elisete. 1992. Poder do “sujeito”, poder do “objeto”: Relato de uma experiência de pesquisa em um assentamento de trabalhadores rurais. IN: Trabalho de campo e subjetividade. ORG: GROSSI, MIRIAM PILLAR. PPGAS/UFSC.
- WINKLER, Cathy. 1991. “Rape as Social Murder.” *Anthropology Today*, vol. 7, n.3, p.12–14.

## sobre a autora

### Maynara Costa de Oliveira Silva

Professora e pesquisadora do curso de Licenciatura em Ciências Humanas (LCH/CCIM) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

**Autoria:** O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Recebido em 04/04/2023.

Aprovado para publicação em: 08/02/2024.